

UMA BATALHA DAS ARTES NO ALVORECER DO HUMANISMO

Luís André Nepomuceno*

Resumo: O presente trabalho analisa as idéias humanistas defendidas por Petrarca em seu texto *Invective contra medicum*, escrito em oposição a um médico anônimo da corte papal de Avignon.

Palavras-chave: Humanismo; Idade Média; Escolástica; Petrarca.

HISTÓRICO DAS *INVECTIVE*

Em 1353, quando acabava de estabelecer residência nas proximidades da Basílica de Santo Ambrósio, em Milão, sob a proteção dos poderosos irmãos Visconti, Petrarca ainda organizava documentos próprios, recentemente escritos, que trouxera da Provença, incluindo cartas, tratados morais e poesias em vernáculo. O material inédito, ainda em processo de revisão e recortes, resumia sua produção mais recente (afora as obras antigas que ainda o acompanhavam em estado inacabado), escrita nos últimos dois anos, vividos entre Avignon, por solicitação do papa, e Vaucluse, onde possuía uma casa de campo, dedicada justamente aos momentos de ócio produtivo. Dentre as obras levadas à viagem estava um opúsculo latino, espécie de invectiva, em quatro livros, e de caráter polêmico, a que ele daria um trato final, em forma de volume, sob o título de *Invective contra medicum*. A história desse livro remetia a episódios ocorridos mais de um ano antes, e é curioso que se faça sua reconstituição.

Em dezembro de 1351, o papa Clemente VI, então residente na corte pontifícia de Avignon, caíra gravemente enfermo e fora assistido por uma comitiva de médicos, destinada à residência papal para esse fim. Tudo indica que seus pro-

* Doutor em Teoria Literária pela Unicamp. Professor do Centro Universitário de Patos de Minas (Unipam). E-mail: nepomuc@terra.com.br

blemas de saúde se agravaram até pelo menos fevereiro do ano seguinte (DOTTI, 1992, p. 252). Petrarca, saído de Pádua (a qual não mais pretendia abandonar), encontrava-se em Avignon, desde maio de 1351, a pedido do próprio papa, que o chamava à Cúria, para fins de trabalho, conforme se depreende de sua carta *Fam.* XIII 5, a Francesco Nelli, em que alude ao convite do pontífice para que assumisse o secretariado apostólico. Diante das turbulentas notícias sobre a saúde do chefe da Igreja, foi o próprio Petrarca que decidiu intervir, encaminhando-lhe mensageiro com a sugestão de que o pontífice não desse crédito a uma comitiva, mas a um médico apenas, pois que os aglomerados eram loquazes e discordantes. O papa respondeu com um núncio, dizendo que a mensagem, pelo menos a que chegara a seus ouvidos, era obscura e imprecisa. De sua parte, e para evitar mal-entendidos, o poeta e humanista encaminhou-lhe, dessa vez por escrito, uma breve carta (a *Fam.* V 19, de 12 de março de 1352), em que expunha as razões de sua argumentação e afrontava, de forma um tanto agressiva, as comitivas médicas que, uma vez reunidas, traziam a público as dissidências e os confrontos individuais, enquanto pereciam as almas dos enfermos como itens de comércio. Lembrando o satírico epitáfio de Plínio, “*Turba medicorum perit*” (“Morri por conta de uma turba de médicos”), apoiava-se ainda na autoridade de Marco Catão e Plauto, para dizer, ao fim, que aos médicos não cabe a algazarra ou a eloquência, mas a cura. Tudo isso para recomendar que o papa se fiasse num doutor apenas, e não numa comitiva.¹

A carta de Petrarca ao papa deve ter despertado a indignação de um dos doutores da *turba medicorum*, pois que, dias depois, em abril daquele mesmo 1352, o humanista recebia uma carta como resposta, certamente agressiva e exaltada, por parte de um médico da comitiva papal (Petrarca jamais lhe revelou o nome, para evitar sua glória futura), que defendia a medicina e atacava os poetas. Não fosse pela exortação de um cardeal (é o mesmo Petrarca quem nos diz isso), o humanista não teria respondido. De qualquer forma, as provocações estavam postas e as intrigas, armadas. A resposta do poeta veio em forma de um opúsculo, de caráter polêmico e satírico, numa linguagem artificiosa e irônica, em que o argumento central era uma crítica mordaz à eloquência vazia dos médicos e à sua ética duvidosa. O texto viria a se transformar depois no livro I das *Invective contra medicum*. Restabelecida a saúde do papa, não restou a Petrarca, em seu opúsculo, senão dizer que sua cura deve ter vindo de Cristo, e jamais da loquacidade dos médicos que nunca se entendem – argumento apelativo e de recursos poucos engenhosos. É possível que a rixa não tivesse tomado dimensões maiores, caso a Cúria não tivesse sido surpreendida pela morte de Clemente VI, em dezembro de 1352, o que inevitavelmente reacendeu os ânimos do médico, antes acusado, ainda que sutilmente, de loquaz e charlatão. Em janeiro de 1353, o contendor voltava ao certame, dessa vez com um opúsculo de maior proporção, repetindo os argumentos de sua carta, reforçando sua crítica aos poetas pela obscuridade da linguagem, e acusando Petrarca de arrogante, soberbo, preconceituoso e bajulador dos poderosos. Ao que tudo indica, o poeta e humanista, dessa vez, ao menos pensou em deixar sua

1 Esses fatos só foram esclarecidos pelo próprio Petrarca numa epístola tardia da maturidade, escrita depois de 1370, incluída nas *Cartas senis*, e dedicada curiosamente a um médico, Francesco da Siena, a quem o poeta conhecera anos antes, em laços de amizade. É a longa *Sen.* XVI 3, cujo tema é o tratado *De vita solitaria*, que Siena lera com prazer e dedicação. A *Fam.* XV 6, de 17 de abril de 1352 (conforme datação de WILKINS, 1955, p. 171), remetida ao abade beneditino Pierre d’Auvergne, igualmente alude ao problema, mas não esclarece os fatos, à altura da precisão biográfica da *Sen.* XVI 3.

reação em silêncio, e deve ter se envolvido com a redação de outras partes de seu libelo, no mínimo até março daquele ano, compondo os livros II-IV (WILKINS, 1955, p. 152), para organizar, posteriormente, já em Milão, os quatro livros que compõem as suas *Invective contra medicum*, em que se defende das acusações do médico e estabelece conceitos sobre a condição dos poetas.

Não foi a última vez que Petrarca se viu às voltas com polêmicas contra médicos, a quem ele via no mesmo plano dos astrólogos e outros charlatões.² Esse seu ânimo exaltado contra os doutores não era gratuito, obviamente: longe de apenas denunciar o caráter precário e imaginativo da medicina de seu tempo, a contenda tinha interesses bem mais amplos, sobretudo no sentido de evidenciar uma batalha já visível no *trecento* italiano, entre as ciências escolásticas e o primeiro impulso dos chamados *studia humanitatis*, que vieram a desenvolver o conceito de Humanismo. Em suas cartas e invectivas, Petrarca denunciava a dimensão escolástica do saber médico e a linguagem dialética usada pela ciência de seu tempo, tomada e invadida pela cultura árabe e pelo viés aristotélico que caracterizou o pensamento das universidades medievais. De pendenga pessoal e subjetiva que foi, a invectiva de Petrarca acabou se transformando em referência importante para se compreenderem conceituações fundamentais no alvorecer do Humanismo, especialmente a definição de poesia, o papel do artista e a distinção das ciências àquele tempo. No afã de defender a poesia das acusações do médico (muito embora não se dissesse poeta), Petrarca acaba elaborando um opúsculo de definições emblemáticas, uma espécie de defesa da poesia humanista, em que expunha os novos conceitos que iriam imperar dali adiante, pelo menos até o século XVIII, ao mesmo tempo que estabelecia os limites do que viria a ser o novo saber humanista, fundamental para a explosão da Renascença, algumas décadas depois. Mais que uma rixa entre um médico e um poeta, as *Invective contra medicum*, apesar dos preconceitos de que estão imbuídas (e que comentarei em seguida), formulam um quadro bastante amplo e novo das ciências e das artes, redimensionadas a partir do Humanismo.

O ARGUMENTO DAS *INVECTIVE*

As curiosas invectivas de Petrarca contra um médico da corte papal de Avignon parecem ter alcançado razoável sucesso àquela época, pois que delas sobreviveram pelo menos quarenta manuscritos, até a primeira edição definitiva das obras latinas completas do humanista, a *Opera omnia* (Basileia, 1554), em que as invectivas aparecem sob o título de *Francisci Petrarchae contra medicum quendam invectivarum libri* (RICCI in PETRARCA, 1950, p. 15). Se o poeta parecia inaugurar uma nova ordem de discussões polêmicas, quando da inserção do Humanismo no cenário intelectual da Europa, é preciso lembrar que a invectiva, como gênero, já fizera larga tradição desde a Antigüidade, quando era atribuída ao *genus demonstrativum* (Cícero e Salústio foram célebres invectivistas), passando pela Idade Média, nos círculos intelectuais da Escolástica, com nomes expressivos como São Bernardo e Abelardo (RICCI, 1999, p. 189-200). Petrarca apenas inseria os debates humanistas nesse contexto, e o insulto contra o médico não seria sua última polêmica em vida: três outras seguiram-lhe

2 Em diversas cartas da velhice (as *Senís*), o poeta voltaria a polemizar contra os doutores, criticando-lhes a insensatez e a ignorância, e apontando as virtudes estoicas como alternativa para as curas médicas.

o exemplo³ e, ainda que as circunstâncias e questões fossem inteiramente diversas, é possível dizer que o poeta defendeu basicamente as mesmas idéias já expostas na primeira: a oposição ao saber técnico escolástico, a defesa da eloquência em detrimento da linguagem dialética, o elogio da latinidade em detrimento das culturas grega e árabe (representadas pelo aristotelismo e pelo averroísmo), a defesa da poesia e da cristandade, e o desejo de trazer a Igreja de volta à sua sede em Roma.

Na série das invectivas contra o médico, portanto, Petrarca esboça algumas de suas mais importantes idéias, a que ele já dera singular atenção em cartas, e que serão posteriormente reelaboradas, inclusive com mais maturidade e desenvoltura, no seu *De ignorantia*, texto que nasceu invectiva e se transformou num verdadeiro tratado dos estudos de humanidades, em plena era do declínio da Escolástica. Em duas cartas familiares ao amigo de juventude, Tommaso Caloiro (*Fam.* I 7 e I 12), por exemplo, defendia que os raciocínios dialéticos, como instrumento do conhecimento, devem ser parte da jornada, porém nunca o objetivo.⁴ Em outros momentos das *Familiares*, e posteriormente das *Senis*, já teria insistido, à obsessão, em idéias semelhantes.

No todo, e conforme já vimos pelo seu histórico, as *Invective contra medicum* estão divididas em quatro livros, distribuídas de acordo com as necessidades que surgiriam mediante a discussão, e grande parte dos argumentos depende das acusações e elaborações prévias do médico. Como não temos acesso à sua carta e ao seu opúsculo, a contenda veio à modernidade tão-somente pelo olhar do poeta, e apenas pelas suas respostas é possível reconstituir ou imaginar parcialmente o que teria sido a argumentação de seu interlocutor – o que infelizmente é uma injustiça da história. Mas como Petrarca se prende excessivamente ao jogo de *acusatio* e *defensio* (típico das invectivas antigas), não é difícil imaginar o que teria escrito o indignado médico, num texto que pode ter sido bastante interessante. Quanto ao humanista, temos o seguinte: no Livro I, Petrarca insiste numa problematização da linguagem, denunciando a eloquência vazia dos médicos, colocando em xeque a ética desses profissionais, e ao mesmo tempo submetendo a medicina, conforme tradição medieval, às chamadas “artes mecânicas”. O livro termina com uma justificativa do fingimento poético que, longe de ser mentira (a mentira cabe aos médicos), tem compromisso com o significado alegórico. A partir do Livro II, a invectiva se torna prolixa, e Petrarca vê-se amarrado demais à necessidade de respostas e comenta um a um os argumentos de seu desafeto: ironiza a arrogância do médico que se dissera filósofo, defende-se das acusações de soberba, preconceito e bajulação, e justifica imagens usadas no Livro I. Retomando o rumo de seus próprios pensamentos, volta a criticar a medicina e os raciocínios dialéticos que a compõem, acusa o médico de amar Averroís, mais que a Cristo, e, por fim, garante que o verdadeiro filósofo é aquele que ama a Deus, como o fizera Agostinho. O livro se encerra com um retrato satírico do médico (raro em textos petrarquianos), com seu ar pálido, caminhando por lugares escuros, pestilentos, examinando a urina dos enfermos. O Livro III, certamente o mais importante, retoma as discus-

3 Os três outros textos são: *Invectiva contra quendam magni status hominem sed nullius scientie aut virtutis* (1355), *De sui ipsius et multorum ignorantia* (1367) e *Invectiva contra eum qui maledixit Italie* (1373).

4 Embora as cartas *Fam.* I 7 e I 12 estejam inseridas no Livro I das *Cartas familiares*, o que as dataria da década de 1330 (o próprio Petrarca as classifica como pertencentes a esse período), Billanovich (1947, p. 49-51) é de parecer que estas, bem como todo o Livro I das *Familiares*, são invenções posteriores, de caráter retórico, possivelmente dos anos de 1350, incluindo composições dedicadas a amigos já falecidos.

sões sobre a poesia e, apesar de sua dependência íntima e obsessiva em relação às argumentações do médico, deve ser visto como uma espécie de *defensio artis poeticae* do primeiro Humanismo: a poesia é uma matéria “nobre”, portanto não exatamente “útil” (a grandeza de um ofício não pode ser medida pela sua serventia, porque assim o fazendeiro seria mais importante que o médico); e a linguagem poética é efetivamente obscura, mas também o são a filosofia e as palavras de Deus, conforme Santo Agostinho, o que não lhes tira o mérito. Por fim, e sempre recusando para si o ofício de poeta, conclui, por um artifício meramente retórico, que a poesia fora aspiração sua da juventude, e que, se hoje busca apenas as virtudes como fim da vida, tem a poesia como doce lembrança do que não mais deseja. O livro se fecha com a denúncia da loquacidade verborrágica dos médicos. No Livro IV, os temas já se distanciam e a invectiva perde sua força e interesse: acusado por seu interlocutor de divulgar a prática da solidão (obviamente referia-se ao *De vita solitaria*), Petrarca dedica esse último livro à defesa da vida solitária, não como gesto de misantropia, mas como exercício de reflexão e ócio criativo, bem como distanciamento dos vícios urbanos. Como conclusão, o humanista despede-se do leitor, condena os elogios próprios, a soberba, os litígios irados e as obstinações, deixando claro que seu texto é apenas resposta necessária a provocações alheias.

Apesar da digressão a que Petrarca se vê submetido, vez ou outra, ainda que na elaboração de um texto dependente de argumentações prévias de um interlocutor, as *Invective contra medicum* (e só por essa razão elas existem) giram em torno de duas questões básicas já expostas e resolvidas no Livro I: o problema das relações conflituosas entre ciência e artes no fim da Idade Média, e as dissidências da linguagem nesses dois campos do saber. É inevitável dizer que Petrarca se vê tomado pelo preconceito medieval contra as chamadas artes mecânicas, da qual a medicina fazia parte. Em seu célebre e então popularíssimo tratado *Didascálicon* (1127), o abade Hugo de São Vítor (2001, p. 113), que catalogou e classificou as artes mecânicas (tecelagem, metalurgia, comércio, agricultura, caça, medicina e espetáculo) e as artes liberais (gramática, retórica, dialética, aritmética, música, geometria e astronomia), assim definiu as “mecânicas”:

Estas ciências se chamam mecânicas, isto é, imitativas, porque tratam do trabalho do artífice, que da natureza toma emprestada a forma. Paralelamente, as outras sete ciências foram chamadas liberais, ou porque exigiam espíritos livres, isto é, prontos e treinados, pois disputam sutilmente das causas das coisas, ou porque antigamente somente os livres, isto é, os nobres, costumavam dedicar-se a elas, enquanto os plebeus e os filhos dos ignorantes costumavam dedicar-se às ciências mecânicas por sua capacidade de operar.

Lembrado pelo médico de que a poesia não estava entre as artes liberais, Petrarca (1987, p. 897) é taxativo em dizer: pelo menos não está entre as artes mecânicas, a exemplo da filosofia, o que deve sugerir, é claro, certa arbitrariedade da taxonomia de Hugo de São Vítor e da intelectualidade medieval. Mas, quanto à poesia como arte, Petrarca é engenhoso em abandonar os medievais e apelar para a autoridade de Cícero que, em seu notável discurso *Pro Archia*, bastante conhecido da Idade Média, argumentava em favor da natureza sagrada dos poetas. O *Pro Archia*, que Petrarca já mencionara doze anos antes (1341), como base de sua *Collatio laureationis* (à época em que fora agraciado com a lãurea poética pelo Senado romano), é um discurso breve, em que o Cícero advoga-

do defendia o direito de cidadania romana ao poeta asiático Árcua. Mais, porém, que uma defesa de seu cliente, Cícero (1997, p. 43) edificou um verdadeiro elogio da cultura, dos poetas, da eternidade, das virtudes e da glória romana, ao mesmo tempo que definia a natureza dos poetas como inflada por um *divino spiritu*. Conveniente, o argumento serviu a Petrarca como forma de evidenciar a nobreza da poesia, colocada em oposição à utilidade medíocre da medicina como arte mecânica. Nesse sentido, o argumento obsessivamente repetido pelo humanista, inclusive em cartas, de que seu alvo não eram os médicos ou a medicina em si, mas *aquele* médico ignorante em especial, parece ter efeito meramente retórico, com ares de justificativa daquilo que não é justificável, ou seja, o preconceito contra a medicina e as artes mecânicas em geral. Ao mesmo tempo que lembra, agora na autoridade bíblica do Eclesiástico (38, 4), que a medicina é também um saber divino, e que toda a sabedoria vem do Senhor Deus (I, 1), o poeta denuncia agressivamente os valores financistas dos médicos, ao dizer: “quando matares, pede uma recompensa” (PETRARCA, 1987, p. 829). Não era uma briga pessoal, como ele quis fazer crer, mas uma disputa de idéias. E no centro, um dos debates mais caros ao Humanismo: a ciência escolástica das universidades medievais e sua linguagem dialética.

E em meio ao certame, os preconceitos de época misturam-se a reflexões inovadoras sobre o problema da linguagem. Petrarca (1987, p. 851), antes de tudo, não admite que um mecânico escreva um livro: “daquí a pouco, ele diz, também os bois e as pedras o farão!” Se parece um ato discriminador (e, para nós, obviamente o é), é preciso entender que a discussão se pauta por uma batalha das artes, na transição entre Escolástica e Humanismo, pois que, na consciência de um edificador dos *studia humanitatis*, a arte da escrita (*ars dictaminis*) e da retórica era matéria de oradores, filósofos e poetas, jamais de “mecânicos” ou teólogos escolásticos, não exatamente porque não soubessem escrever, mas porque suas supostas verdades científicas, balizadas por um racionalismo e por um cientificismo duvidoso, bem como por sua linguagem técnica e mecanicista, eram incompatíveis com a retórica elaborada e subjetiva desse primeiro Humanismo, ávido por reconstruir a dimensão mais complexa do universo político e da linguagem moralizante da latinidade antiga. Logo no Livro I das *Invective*, Petrarca ironiza a carta do médico como “*Ampullosam et tumidam plenamque convitiis epystolam*” (“Uma carta empolada, túmida e abarrotada de balbúrdia”). Na brevíssima carta *Fam. VI 7*, sem destinatário, o problema parece se resolver numa distinção entre *eloquentia* e *loquacitas*, em que o primeiro se define pela expressão pura e requintada da expressão, e o segundo, pela verborragia dialética.

Essa convicção certamente tem o magistério de Sêneca. Nas *Cartas a Lucílio* (definitivas, a meu ver, para a composição das *Familiares*), sobretudo aquelas em que se teoriza informalmente sobre a linguagem, o filósofo deixa claro que o “falar atabalhado e impetuoso está muito bem para um charlatão”, e que “a verborrêia estrepitosa e desordenada não pode causar prazer” (SÊNECA, 1991, p. 137 e 138). O “falar impetuoso” a que Sêneca se refere, pelo que se depreende de suas cartas, tem pelo menos dois alvos precisos: a corrupção do estilo pelo excesso de ornamentos e o uso incondicional de sofismas (a falaciosa sutileza da dialética) e de elucubrações digressivas (vejam-se, por exemplo, cartas 45, 48 e 49). Ao que tudo indica, é o Sêneca epistológrafo quem oferece a Petrarca uma reflexão mais sólida sobre as argumentações dialéticas e os racio-

cinios escolásticos a que o médico da corte papal certamente se apegara, a julgar, evidentemente, pelos debates das invectivas.

É certo, no entanto, que, para Petrarca, a exigência de Sêneca de que a linguagem fosse pura, simples e pouco ornada, a exemplo de um rio que corre tranqüilo em detrimento de um mar tempestuoso, parecia contradizer outras experiências retóricas de seu amado Cícero, cujo “estilo asiático” tendia a uma superabundância de argumentações, jogos de palavras e efeitos retóricos, em oposição ao purismo da nova geração de oradores de seu tempo de maturidade (PARATORE, 1983, p. 217). A dificuldade de resolver essa aparente contradição era o primeiro passo para se construir uma crítica consciente aos “mecânicos” que se metiam a escrever. A resposta viria uma vez mais no *De ignorantia*, embora seja possível entrevistá-la em diversas passagens do livro contra o médico: Cícero não era exatamente empolado, túmido, porém efusivo, eloqüente, impetuoso, arrebatado. A grandeza de sua linguagem, que o diferenciava radicalmente dos dialéticos e sofistas (e que, no *De ignorantia*, servirá como “perdão” para o seu paganismo), é a sua capacidade de mover os ânimos, de incitar os indolentes. É o próprio Cícero (2001, p. 645 e 673) quem nos confirma: seu personagem Crasso, no diálogo *De oratore*, já dizia que o melhor mérito do orador é a amplificação (*amplificatio*) do estilo com o ornamento, o que não o impede, páginas adiante, de evidenciar sua preferência por uma sabedoria pouco eloqüente em detrimento de uma estupidez loquaz. No *Orator*, tratado sobre a eloqüência e o orador ideal, de alguns anos mais tarde, Cícero irá criticar os estilos de Xenofonte e Platão como conversações sem nervos ou agulhões, aptas a aplacar os ânimos, muito mais do que a incitá-los (CÍCERO, 1995, p. 37). Enfim, a eloqüência ciceroniana implica o uso de uma linguagem ornada, exaltada, por vezes explosivamente efusiva, porém não exatamente dialética, empolada, em que os mecanismos e jogos de linguagem conduzem o leitor ao ludíbrio. Petrarca precisou encontrar algum elemento comum que identificasse Cícero e Sêneca e o encontrou no caráter subjetivo, moralizante e entusiástico da linguagem, como forma de se opor aos modelos tecnicistas e dialéticos dos intelectuais da Escolástica ainda vigentes em seu tempo. Subjetividade, elegância clássica e estilo: era isso que o médico precisava aprender, caso quisesse se dar ao ofício de literato.

À GUIZA DE CONCLUSÃO: O MÉRITO DAS INVECTIVE

As argumentações levantadas por Petrarca, nas suas invectivas contra o médico, longe de considerações meramente pessoais, apenas corroboravam algumas de suas idéias mais emblemáticas discutidas previamente em cartas dispersas, tratados e outros textos polêmicos, escritos ao longo de toda uma existência dedicada à difusão do Humanismo nascente. Com elas, queria o poeta nos convencer não apenas de que as virtudes estoicas deveriam superar as práticas médicas na cura dos males, mas sobretudo de que os modelos intelectuais vigentes na Idade Média, pautados pelo aristotelismo e pela expansão do racionalismo árabe, já não poderiam definir uma nova ordem de valores subjetivos e moralizantes inaugurada pelo Humanismo. O conflito entre Petrarca e o desconhecido médico da corte pontifícia de Avignon é profundamente revelador de uma batalha ideológica típica do século XIV, quando os métodos do pensamento medieval já se deixavam arrastar pelos valores humanos e clas-

sicizantes, pela retórica e pela poesia, pela história e pela filologia, pela eloquência e pelos estudos de gramática, num misto que irá determinar as complexidades filosóficas da Renascença.

O grande mérito das *Invective*, embora não sejam o melhor dos textos polêmicos de Petrarca (o *De ignorantia* expõe problemas semelhantes de forma mais elucidativa e madura), é a sua capacidade de definir conceituações fundamentais sobre a poesia e as artes liberais no alvorecer do Humanismo, apesar dos preconceitos de que ainda se vêem revestidas. Mas, quando se lêem as sátiras mordazes que o médico francês François Rabelais fez aos estudos dialéticos e sofisticos da Universidade de Paris de seu tempo (século XVI), no primeiro livro de *Gargântua e Pantagruel*, percebe-se que as invectivas petrarquianas, que igualmente encontrariam eco nos ensaios de Montaigne e de Erasmo, pareciam já ter apontado para uma solução bastante inovadora para os métodos críticos e de linguagem a serem fundados pelo Humanismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BILLANOVICH, Giuseppe. *Petrarca letterato. I. Lo scrittoio del Petrarca*. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1947.

CÍCERO, M. T. *Dell'oratore*. Introd. de Emmanuele Narducci. Milano: Rizzoli, 1994.

_____. *Orator*. Trad. Roberta Vignali. Seregno: Ciranna & Ferrara, 1995.

_____. *Per un poeta: L'orazione pro Archia*. Trad. Gavino Manca. Locarno: Armando Dadò Editore, 1997.

DOTTI, Ugo. *Vita di Petrarca*. 2.ed. Roma-Bari: Laterza & Figli, 1992.

PARATORE, Ettore. *História da literatura latina*. Trad. S. J. Manuel Losa. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.

PETRARCA, Francesco. *Invective contra medicum: texto latino e volgarizzamento di ser Domenico Silvestri*. Ed. P. G. Ricci. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1950.

_____. *Rerum familiarium libri: Letters on familiar matters*. Vol. 1: I-VIII. Vol. 2: IX-XVI. Vol. 3: XVII-XXIV. Trad. de Aldo Bernardo. Albany: State University of New York Press, 1975-1982.

_____. *Opere Scelte*. Vol. 4: Opere Latine. Turim: Utet, 1987. (Col. Classici Italiani).

_____. *Rerum senilium libri: Letters of old age*. Vol. 1: Books I-IX. Vol. 2: Books X-XVIII. Trad. Aldo Bernardo, Saul Levin e Reta Bernardo. Baltimore/London: The Johns Hopkins University Press, 1992.

_____. *Le familiari*. Edizione Nazionale delle opere di Francesco Petrarca. Ed. crítica de Vittorio Rossi. Florença: Casa Editrice Le Lettere, 1997. 4v.

RICCI, Pier Giorgio. *Miscellanea petrarchesca*. Ed. Monica Berté. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1999.

SÃO VITOR, Hugo de. *Didascálicon da arte de ler*. Trad. e introd. Antonio Marchionni. Petrópolis: Vozes, 2001.

SÊNECA, Lúcio Aneu. *Cartas a Lucílio*. Trad., pref. e notas J. A. Segurado e Campos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991.

WILKINS, Ernst Hatch. *Studies in the life and works of Petrarch*. Cambridge, MA: The Medieval Academy of America, 1955.

NEPOMUCENO, L. A. A battle of arts at the dawn of Humanism. *Todas as Letras* (São Paulo), ano 7, n.2, p. 39-47, 2005.

Abstract: *The present work analyses the humanistic ideas defended by Petrarch in his *Invective contra medicum*, written in opposition to an anonymous doctor who belonged to the papal court of Avignon.*

Keywords: *Humanism; Middle Age; Scholastics; Petrarch.*